

## **Bolsonaro disse que sua resposta à pandemia era para proteger os pobres. Eles acabaram sofrendo mais**

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Diante de um dos piores surtos do mundo, o presidente minou quase todas as medidas de confinamento propostas pelas autoridades federais e estaduais apelando para as necessidades dos pobres. Ainda sem conseguir encarar sua nova vida aqui, ela continuou com os olhos fechados. A manhã estava fria demais e ainda estava escuro. Ao seu lado, sob um teto de plástico preto, dormia uma jovem família que ela mal conhecia. Eles estavam juntos há semanas, refugiados econômicos da pandemia de covid-19, desempregados e despejados, agora agrupados na esperança de que dias melhores virão. Notícias relacionadas O céu clareou. Zuleide da Conceição Félix, 67 anos, saiu de seu barraco inóspito na periferia da região metropolitana de São Paulo. Ela fez café em seu fogão - uma relíquia querida de sua antiga vida - e tentou ignorar o frio. Empregada doméstica analfabeta, Zuleide levava uma vida de pobreza, trabalhando nos últimos meses por US\$ 240 por mês. Mas mesmo ela nunca tinha passado por algo assim. "Meu marido e eu tínhamos um quarto", ela lembrou. "Nós tínhamos uma sala. Tínhamos uma televisão. Uma cozinha. Era tudo que precisávamos." Ela olhou para o chão. "Agora estamos aqui." Aqui: uma coleção de barracos construídos sobre os destroços de uma fábrica falida, isolado do transporte público, sem água encanada ou um supermercado - mais uma nova ocupação em uma profusão de extensas comunidades agora sendo estabelecidas por brasileiros que ficaram sem-teto devido a um surto que se recusa a abrandar. Essas são as pessoas que o presidente Jair Bolsonaro disse que queria proteger quando adotou a estratégia nada comum contra a pandemia de fazer pouco para controlar a propagação do novo coronavírus. Diante de um dos piores surtos do mundo, ele minou quase todas as medidas de confinamento propostas pelas autoridades federais e estaduais apelando para as necessidades dos pobres, da classe trabalhadora brasileira. Eles não podiam ficar em casa, ele disse. Precisavam trabalhar para sobreviver. "Fome mata mais do que o vírus", disse ele em março de 2020. "Não adianta fugir disso, fugir da realidade." Mas em vez de ajudar os mais vulneráveis, segundo os economistas, a estratégia fatalista de Bolsonaro apenas prolongou a crise - e levou mais pessoas à pobreza. Quase um em cada cinco brasileiros diz ter ficado desamparado sem nenhuma renda. Metade do país está tendo dificuldade para botar comida na mesa. Dezenove milhões dizem estar passando fome. As taxas de desemprego e de desigualdade estão em níveis recordes. Depois de o governo reduzir o valor pago pelo programa de auxílio emergencial aos brasileiros mais pobres, o maior número de brasileiros em uma década caiu na extrema pobreza, vivendo com menos de US\$ 2 por dia. A população sem-teto cresceu. "Enquanto as pessoas estiverem com medo de adoecer e enquanto as pessoas estiverem adoecendo na escala em que estão no Brasil, vai haver muita instabilidade", disse Marcelo Neri, economista da Fundação Getúlio Vargas. "Isso tem sido terrível para a economia, principalmente para os trabalhadores informais." O Brasil atualmente tem ficado com o pior dos dois mundos: meio milhão de mortos - mais do que qualquer lugar fora dos Estados Unidos - e outros milhões de desempregados. Uma dessas pessoas que ficou sem emprego foi Zuleide. Sua patroa idosa pediu que ela parasse de ir limpar a casa dela depois que o vírus surgiu. A mulher mais velha temia que Zuleide trouxesse a doença dos ônibus lotados que pegava para ir trabalhar. A patroa prometeu ligar para Zuleide quando as coisas melhorassem. Isso foi há 15 meses. As coisas nunca melhoraram. O vírus continua a se alastrar pelo Brasil. E Zuleide - que acabou com todas as suas economias, ficou três meses sem pagar aluguel, foi despejada e agora vive aqui entre o que restou de seus pertences - e ainda está esperando aquela ligação. MoradiaAs cidades de tendas surgem rapidamente em questão de horas. Uma delas tomou conta do terreno da igreja de um famoso pastor da televisão. Outra criou raízes em terras de propriedade da estatal petrolífera. Em São Paulo, a maior cidade do hemisfério ocidental, mais de 800 famílias se

amontoavam em um pátio de contêineres vazio. Outras seiscentas se inscreveram para um espaço em um campo vazio ao lado de uma favela. As comunidades, povoadas em grande parte por pessoas que perderam o emprego e a casa, passaram a simbolizar o fracasso do governo em proteger seus cidadãos mais pobres do impacto econômico da pandemia. Ele estendeu o pagamento do auxílio emergencial de US\$ 120 por mês para milhões de pessoas necessitadas - tirando algumas pessoas da pobreza temporariamente-, mas o programa foi reduzido em setembro e, depois, suspenso por meses. O governo não proibiu os despejos, como aconteceu nos Estados Unidos, nem incentivou contratar os jovens pobres e vulneráveis, como fez o Reino Unido. "O que Bolsonaro fez para salvar a economia?", perguntou Lena Lavinas, economista da Universidade Federal do Rio de Janeiro. "A única coisa que ele fez foi dizer "Nada pode parar". Isso não é uma proposta para salvar a economia." O gabinete de Bolsonaro não respondeu a uma solicitação de comentário. Em público, o presidente tem se preocupado com o endividamento do governo. Quando questionado se ele deveria fazer mais para aliviar o sofrimento, ele se mostrou irritado. "Qual país do mundo fez um projeto igual ao nosso, num momento de crise, que foi o auxílio emergencial?", ele perguntou. "E tem gente criticando ainda, falando que quer mais." As novas ocupações, muitas fundadas após os pagamentos do auxílio emergencial serem reduzidos, agora estão alimentando um dos debates mais prolongados e polarizadores do Brasil. Um país de vastos espaços não utilizados e de desigualdade inevitável, o Brasil há muito tempo é palco de acirradas disputas de terras entre latifundiários e invasores sem nenhum outro lugar para ir. Muitos dos enclaves irregulares, que agora abrigam milhões, vivem sob constante ameaça de remoção. Durante a pandemia, enquanto as pessoas foram expulsas e levadas a morar nas ruas e as ocupações se multiplicaram, as autoridades intensificaram as operações de remoção. Em São Paulo, elas removeram aproximadamente 4 mil pessoas - o maior número no Brasil. Outras 3 mil foram removidas em Manaus, a cidade amazônica devastada pelo vírus. Neste mês, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu as remoções até o final do ano, irritando Bolsonaro, um ferrenho defensor dos latifundiários.